

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
CURSO DE PEDAGOGIA

KAUANA SANTOS DA SILVA

**ANIMAÇÃO E EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS  
ADAPTAÇÕES DA BELA ADORMECIDA (1959) E A BELA E A FERA (1991) DA  
DISNEY.**

MARINGÁ,  
2020/2021

KAUANA SANTOS DA SILVA

**ANIMAÇÃO E EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS  
ADAPTAÇÕES DA BELA ADORMECIDA (1959) E A BELA E A FERA (1991) DA  
DISNEY.**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
apresentado ao Curso de Pedagogia na  
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso  
como requisito parcial para cumprimento  
das atividades exigidas.

**Orientação:** Prof<sup>a</sup>. Me. Simone Sartori  
Jabur

MARINGÁ,  
2020/2021

**ANIMAÇÃO E EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS  
ADAPTAÇÕES DA BELA ADORMECIDA (1959) E A BELA E A FERA (1991) DA  
DISNEY.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual de  
Maringá como requisito parcial para a  
obtenção do título de Graduação em  
Pedagogia. Sob apreciação da seguinte  
banca examinadora:



---

Prof<sup>a</sup>. Me. Simone Sartori Jabur  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Vanisse Simone Correa  
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/ EMBAP

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Denise Maria Vaz Romano França  
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/ PARANAGUÁ

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pela minha vida e da minha família, e por ter me dado forças para superar todos os obstáculos ao longo do curso.

Em segundo lugar gostaria de agradecer a minha mãe Maria, meu pai Valter e minha Irmã Thaynara, por todo cuidado e preocupação. E por sempre terem me incentivado e apoiado meus estudos, fazendo com que tudo fosse possível.

Agradeço as amigadas que fiz: Angelica, Mayara, Edileuza e Rosilda obrigada por me acompanharem ao longo da graduação, partilhando informação e me ajudando, fazendo com que tudo fosse mais divertido e tranquilo.

Agradeço a minha orientadora Simone por ter aceitado me orientar, e por toda a ajuda na elaboração desse trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer a toda minha família, professores e amigos que me apoiarão ao longo dessa trajetória e que de certa forma contribuirão para a conclusão desse trabalho.

SILVA, Kauana Santos da. **Animação e educação: representações femininas nas adaptações da bela adormecida (1959) e a bela e a fera (1991) da disney**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – universidade estadual de maringá. Orientadora: Me. Simone Sartori Jabur. Maringá, 2021.

## RESUMO

As narrativas dos contos de fadas ao longo dos anos notavelmente veio se modificando, dando espaço para princesas mais ativas, independentes, corajosas, muito diferente das primeiras princesas. Ao analisar e comparar as animações "A Bela Adormecida" (1959) e "A Bela e a Fera" (1991), ambas da Disney, é possível ver claramente essas mudanças nas representações nos papéis femininos de Aurora e Bela. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo analisar as influências educativas das representações femininas, presente nas adaptações de A Bela Adormecida (1959) e A Bela e a Fera (1991) produzidas pela empresa Disney. Essa análise se faz no sentido de possibilitar a oportunidade de desenvolver um olhar diferenciado para essas mídias, não apenas como meios de entretenimento, mas como pedagogias culturais, através das mensagens produzidas que influenciam na formação das identidades do sujeito e no papel da mulher na sociedade. Para atender ao objetivo geral tem se os seguintes objetivos específicos: Investigar a relação entre os recursos visuais (animações), como instrumentos de que educam; Compreender em que contexto histórico e social, as animações selecionadas foram produzidas e sua influência na construção dos estereótipos de feminilidade e comportamentos; Confrontar o papel dessas representações femininas nas animações da A Bela Adormecida (1959) e A Bela e a Fera (1991) da Disney, no que diz respeito imagens das personagens femininas e por fim discutir como utilizar essas animações na construção/desconstrução da imagem da mulher em sala de aula. Para a pesquisa utilizaremos recursos bibliográficos para sua realização. As obras escolhidas são: Nelly Novaes Coelho "O Conto de Fadas" 1998, Bruno Bettelheim "A psicanálise dos contos de fada" (2011), Simone de Beauvoir "O Segundo Sexo" (1970), Silvia Federeci "Calibã e a Bruxa" (2017) e Mulheres e a caça às Bruxas (2019), Theodor Adorno "A indústria Cultural" (2006), Barthélemy Amengual "Chaves do cinema" (1973), Michel Tardy "O professor e as Imagens" 1976 entre outros.

**Palavras- Chave:** Animação, gênero feminino, contos infanti

SILVA, kauana santos da. **Animation and education: female representations in the adaptations of sleeping beauty (1959) and beauty and the beast (1991) from Disney.** Course Completion Work (Graduation in Pedagogy) - State University of Maringá. Research Advisor: Me. Simone Sartori Jabur, Maringá, 2021.

## ABSTRACT

The narratives of fairy tales over the years have remarkably changed, giving way to more active, independent, courageous princesses, totally different from the first princesses. If we analyze and compare the animations "Sleeping Beauty" (1959) and "Beauty and the Beast" (1991), both from Disney, it is possible to clearly see these changes in the representations in the female roles of Aurora and Bela. In this sense, the research aims to analyze the educational influences of female representations, present in the adaptations of Sleeping Beauty (1959) and Beauty And The Beast (1991) produced by the Disney company. This analysis has been done in order to provide a different look at these media, not only as means of entertainment, but as cultural pedagogies, through the messages produced that influence the formation of the subject's identities and the role of women in society. To achieve the general objective, it has the following specific objectives: Investigate the relationship between visual resources (animations), as instruments that educate; Understand in which historical and social context, how selected animations were produced and their influence in the construction of stereotypes of femininity and behavior; Confront the role of these female representations in Disney's animations of Sleeping Beauty (1959) and Beauty and the Beast (1991), with regard to images of female characters, and finally discuss how to use these animations in the construction / deconstruction of the image of woman in the classroom. For the research we will use bibliographic resources for its accomplishment. The chosen works are: Nelly Novaes Coelho "The Fairy Tale" 1998, Bruno Bettelheim "The psychoanalysis of fairy tales" (2011), Simone de Beauvoir "The Second Sex" (1970), Silvia Federeci "Calibã ea a Bruxa" (2017) and Women and the Hunt for Witches (2019), Theodor Adorno "The Cultural industry" (2006), Barthélemy Amengual "Chaves do cinema" (1973), Michel Tardy "The teacher and the Images" 1976 among others.

**Key words:** Animation, female gender, children's story

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>AS ANIMAÇÕES DA DISNEY COMO PRODUÇÕES DAS IMAGENS CULTURAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>O PAPEL DO FEMININO NAS ANIMAÇÕES: A BELA ADORMECIDA E A BELA E A FERA.....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>AS ANIMAÇÕES INFANTIS COMO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>26</b>
<b>7</b>	<b>ANEXOS.....</b>	<b>29</b>
	<i>1. A Bela Adormecida (1959) Produção Walt Disney.....</i>	<i>29</i>
	<i>2. A Bela e a Fera (1991) Produção Walt Disney.....</i>	<i>30</i>

## 1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas há muito tempo veio se popularizando pelo mundo. O primeiro contato com essas narrativas acontece na infância, em casa e até nas escolas. Apresentado de maneira encantadora, abordam temas relacionados a família, amizade, amor, morte entre outros. Mas, para além de um gênero atraente para as crianças, essas histórias simulam as subjetividades do nosso dia a dia.

Através dos filmes e animações, produzidas ao longo do tempo, as adaptações dos contos de fadas vieram alcançando muita popularidade e aceitação em diversos países seja, pelos avanços tecnológicos promovidos pelo capitalismo, e que influenciam diretamente na qualidade de imagens, sons e efeitos especiais nos filmes produzidos, ou pelas histórias marcadas pela narrativas do *“Era uma vez uma garota linda, delicada, meiga, frágil e submissa, que estava correndo grande perigo, mas ela teve muita sorte de aparecer em seu caminho um príncipe encantado, que a salvaria das garras e das perversidades dos/as vilões/ãs, e ao final do dia os dois se casariam e viveriam felizes para sempre”*. Nessas narrativas nos deparamos com a imagem das princesas clássicas, normalmente caracterizada como uma figura submissa ao homem, frágeis, maltratada por bruxas ou madrastas, e que sonham em encontrar um príncipe encantado.

Contudo, ao longo dos anos essa constituição notavelmente veio se modificando, e dando espaço para princesas mais ativas, independentes, corajosas, muito diferente das primeiras princesas. Ao analisar e comparar as animações "A Bela Adormecida" (1959) e "A Bela e a Fera" (1991), ambas da Disney, é possível ver claramente essas mudanças nas representações dos papéis femininos de Aurora e Bela.

Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo analisar as influências educativas das representações femininas, presente nas adaptações de A Bela Adormecida (1959) e A Bela e a Fera (1991) produzidas pela empresa Disney. Essa análise se faz no sentido de possibilitar a oportunidade de desenvolver um olhar diferenciado para essas mídias, não apenas como meios de entretenimento, mas como pedagogias culturais, através das mensagens produzidas que influenciam na formação das identidades do sujeito, e desse modo “[...] desestabilizam compreensões tradicionais que insistem em enxergar a escola como a única instituição que educa os indivíduos [...]” (BALISCEI; CALSA E GARCÍA, 2017, p.157).

Para atender ao objetivo geral tem se os seguintes objetivos específicos:



Investigar a relação entre os recursos visuais (animações), como instrumentos de que educam; Compreender em que contexto histórico e social, as animações selecionadas foram produzidas e sua influência na construção dos estereótipos de feminilidade e comportamentos; Confrontar o papel dessas representações femininas nas animações da A Bela Adormecida (1959) e A Bela e a Fera (1991) da Disney, no que diz respeito imagens das personagens femininas e por fim discutir como utilizar essas animações na construção/desconstrução da imagem da mulher em sala de aula .

Pretendemos por meio de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, alcançar os objetivos deste trabalho. Gil (2002, p.44) caracteriza a pesquisa bibliográfica “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dessa forma todos os recursos utilizados para elaboração de tal pesquisa, serão realizados por meio de livros, artigos, etc.

Gil (2002, p.45) continua a explicar sobre suas vantagens “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”

Conforme explica Godoy (1995, p.62) existem diferentes meios para se realizar uma pesquisa qualitativa, então ele enumera algumas características principais e que também identificam uma pesquisa desse tipo.

O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (2) O caráter descritivo; (3) O significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida com preocupação do investigador; (4) Enfoque indutivo. (GODOY, 1995. p.62)

As características citadas acima se encaixam no tipo de pesquisa que será realizada, pois utilizaremos recursos bibliográficos para sua realização. As obras escolhidas são: Nelly Novaes Coelho “O Conto de Fadas” 1998, Bruno Bettelheim “A psicanálise dos contos de fada” (2011), Simone de Beauvoir “O Segundo Sexo” (1970), Silvia Federeci “Calibã e a Bruxa” (2017) e Mulheres e a caça às Bruxas (2019), Theodor Adorno “A indústria Cultural” (2006), Barthélemy Amengual “Chaves do cinema” (1973), Michel Tardy “O professor e as Imagens” 1976 entre outros.

A escolha dessa temática de estudo, justifica-se através da curiosidade como acadêmica em querer estudar e compreender esse processo de ressignificação do papel da mulher na sociedade, e como os recursos visuais em especial as animações infantis, atuam como instrumentos de educação moral e de comportamentos na reafirmação de estereótipos femininos.

Dessa forma, refletir sobre alcance e o papel que estas imagens desenvolvem se faz necessário, principalmente no espaço escolar, que com a multiplicação cada vez mais rápida de fontes audiovisuais, vem sendo desafiado a responder e a trabalhar com estas questões.

Sendo assim, a seguinte pesquisa se divide em três partes: as animações como produções das imagens culturais; O papel do feminino nas animações: A Bela Adormecida e A Bela e a Fera; e por último As animações infantis como processo de ensino/aprendizagem: A relação entre a Bela Adormecida e A Bela e a Fera na construção/desconstrução da imagem da mulher.

## **2 AS ANIMAÇÕES DA DISNEY COMO PRODUÇÕES DAS IMAGENS CULTURAIS**

No mundo da animação infantil podemos afirmar que a maior empresa de produção, em larga escala, dessa categoria é a empresa estadunidense Walt Disney.

Hoje, as animações infantis, transitam entre o cinema, TVs abertas, vídeos, TVs a cabo e grandes redes de *streaming*, a própria Disney já possui um canal de *streaming* (Disney Plus). Essas inovações tecnológicas surgiram a partir da década de 90 do século passado, graças a ampliação da internet, celulares, notebooks e TVs smart, porém não devemos esquecer que foi o cinema responsável pela relação imagem-movimento, de que se extraí outra, plástica-ritmo, que pode servir ao desenvolvimento de uma história, com todas as implicações naturais, de ordem narrativa, psicológica, filosófica, política, social e cultural.

Para Barthélemy Amengual (1973), cinema é abreviação de cinematógrafo, designando tanto o complexo arte-indústria-comércio, constituído pela produção, difusão e repercussão de sua obra, o filme. o local é semelhante ao espaço do teatro italiano onde os filmes são apresentados ao público pagante, auditório provido de uma tela branca onde se projetam as imagens por um aparelho cinematográfico.

O cinema surgiu na França em 1895, com os irmãos Lumière, que conquistaram o mundo com seu invento chamado de cinematógrafo, era uma máquina de projetar e revelar e que também filmava, foi um grande sucesso a exposição desse aparelho em Paris com imagens de um trem em movimento, a saída dos operários de uma fábrica entre outras imagens em movimento.

Porém, o desenho animado, em inglês *cartoon (animated cartoon)*: palavra de origem italiana *cartone*. Tendo como antepassado os espetáculos delanterna mágica, foi praticamente reinventado por Émile Cohl (1857-1938), caricaturista francês, em 1908 com o *fantasmagorie*. Os aperfeiçoamentos posteriores não alteraram os princípios básicos estabelecidos por Cohl, que persistem nos filmes do gênero que Walt Disney difundiu e celebrizou. O primeiro desenho animado americano data de 1909: *Gertie the dinosaur*, de Winsor MacCay. A história do desenho animado aponta nomes de Pat Sullivan (Gato Felix), Paul Terry e Max Fleischer (Betty Boop), Ub Iwerks e Walt Disney tornaram famosos vários de seus artistas, especialmente Mickey Mouse, Pato Donald e Pluto.

Com a "Branca de Neve e os sete anões", em 1938 a Disney inaugurou o desenho animado de longa-metragem, abrindo espaço para uma série de animações posteriores, ampliando o mercado de animações para TVs, publicidade e até mesmo científicos.

A Disney utilizou-se de adaptações literárias para as suas animações entre elas os vários dos contos dos irmãos Grimm e Perrault, próprias para o público infantil, dentre outras animações destacaremos nesse estudo a análise das adaptações da Disney "A Bela Adormecida" (1959) e "A Bela e a Fera" de (1991). A linha ideológica da Walt Disney sempre foi conhecido por fazer adaptações suaves e que mostram que tudo termina bem, sempre com um final feliz, ensinando as crianças de forma maniqueísta quem representa o bem e quem representa o mal. Por isso, o cineasta foi alvo de crítica. Podemos observar esta crítica em Abramovich (1997):

Cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto. Por isso se condena tanto o que Walt Disney fez com os contos de fadas. Ao adociciá-los, pasteurizá-los, ao retirar-lhes os conflitos essenciais, tirou também toda a sua densidade, significação e revelação[...] (ABRAMOVICH. 1997, p.121).

Porém, com o passar dos anos as mudanças sociais e culturais impactaram as animações da Disney, que tiveram que adaptar os seus enredos, baseados em grande parte na literatura infantil, aos novos tempos e as novas mudanças de comportamento sociais. Portanto, há uma diferença no comportamento do papel social da mulher em Aurora de A Bela Adormecida (1959) e de Bela em A Bela e a Fera (1991).

Ora, segundo Amarildo Luiz Trevisan (2002) a literatura, no caso os contos infantis, assim como o cinema e/ou a mídia de forma geral, são importantes para a

cultura de massa ter a oportunidade de refletir e promover cada vez mais o conhecimento crítico e significativo para os leitores infantis.

Porém, esse cenário midiático cada vez mais presente em nosso cotidiano, vem gerando certos debates, principalmente a respeito do papel que estas ferramentas de comunicação, vem desempenhando, na sociedade moderna, e na esfera da cultura infantil, entendida por Giroux (1995) como:

[...] uma esfera onde o entretenimento, a defesa de ideais políticos e o prazer se encontram para construir concepções do que significa ser criança – uma combinação de posições de gênero, raciais e de classes, através das quais elas se definem em relação a uma diversidade de outros. (GIROUX, 1995, p. 49)

Até pouco mais da metade do século XX, a família, a comunidade e a escola eram as principais instâncias que marcavam o processo de educação e construção da subjetividade das crianças, hoje percebemos que a cultura de mídia – a televisão, o rádio, internet:

[..]desestabilizam a noção de que batalhas em relação ao conhecimento, aos valores, ao poder e em relação ao que significa ser um cidadão estão localizadas exclusivamente nas escolas ou nos locais privilegiados da alta cultura (GIROUX, 1995, p. 50).

Adorno (2006) também promove uma crítica a essa indústria cultural, conhecida como mídia, porque ela difunde uma concepção de imagem que reproduz massivamente o campo estético da expressão até retirar-lhe a potencialidade crítica criativa, ou seja, a indústria cultural promove e propaga uma concepção empobrecida da imagem.

Atualmente temos observado em vários países onde a mídia está amplamente difundida, meninos e meninas, desde muito cedo já serem inseridos nesse universo midiático, através da literatura, os jogos, os brinquedos, cinema, músicas, vídeo-games, jogos para o computador, festas entre outros, que são potencializados por diferentes recursos tecnológicos e digitais. Neste sentido Giroux aponta que

[...] dada a influencia da ideologia da Disney sobre as crianças, é imperativo que pais, mães, professores/as e outros adultos compreendam de que forma esses filmes atraem atenção e moldam os valores das crianças que os vêem e os compram. (GIROUX, 1995 p. 58,)

Dentre as manifestações culturais voltadas para a fase da infância, tem se destacado, os filmes de animações. Caracterizados por efeitos visuais, que impressionam os telespectadores, e por narrativas associadas ao prazer, fantasia,

divertimento, os filmes de animação, estão fortemente inseridas na cultura infantil, neste sentido Giroux, reflete sobre a importância de deixar de observar esses filmes, apenas como um meio de diversão transparente, e passar a ver o papel que desempenham de:

Expandir o poder da cultura através de uma corrente interminável de práticas de significado, práticas que priorizam os prazeres da imagem em detrimento das exigências intelectuais da análise crítica. Além disso, esse aparato ao mesmo tempo, reduz as exigências da agência humana ao ethos<sup>1</sup> de um consumismo fácil. (GIROUX, 1995, p.52)

As escolas segundo Giroux (1995) vêm passando por uma crise de visão, propósito e motivação, e os filmes animados cada vez mais vem ganhando espaço, e chamando “[...] atenção das crianças por construírem um mundo imaginário de segurança, coerência e inocência infantil onde as crianças encontram um local para se situarem em suas vidas emocionais.” (GIROUX, 1995, p. 52). Portanto, a mudança da cultura conceitual para a cultura imagética está exigindo uma nova reflexão sobre a teoria e as práticas pedagógicas. Segundo Trevisan (2002):

Vivemos hoje uma verdadeira orgia das imagens no mundo da comunicação. O renascimento da imagem, porém, pode servir como um instrumento que, em vez de emancipar, acaba sacralizando ou instituindo, enquanto deseduca os indivíduos mais que os liberta. Como diz Adorno, tudo o que foi reprimido de longa data pode voltar em forma de revolta da razão, e, portanto, de uma maneira irracional. (TRAVISAN. 2002, p. 163)

Neste aspecto, a necessidade do resgate formativo das imagens no processo pedagógico nas animações infantis que abarcam o aspecto do papel do gênero feminino e suas diferenças nas formas de manifestação das imagens no ato de educar, situados nos discursos de gênero e literários.

Adorno (2006) ao analisar o papel do vilão na indústria cultural, no caso o cinema, aponta como a mulher é retratada, dentro da estética burguesa, cerca da moral da cultura de massa, essa mulher é reprodução de primeira qualidade, personificando o mau na forma de histeria, com a função de prejudicar a rival do bem da sua vida e termina encontrando a morte.

Para o autor o cinema trágico se torna um instrumento de aperfeiçoamento moral da população. A cultura industrializada ensina e infunde a condição em que a vida

---

1 Ethos pode ser definido como um conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social”, ou seja, Ética é a forma que o homem deve se comportar no seu meio social.

desumana pode ser tolerada.

Porém, para Trevisan (2002) uma aprendizagem que decodifique e compreenda essas imagens auxilia o processo de formação da reflexão da população, revertendo assim a manipulação ideológica.

### **3 O PAPEL DO FEMININO NAS ANIMAÇÕES: A BELA ADORMECIDA E A BELA E A FERA**

Partindo do entendimento desses novos recursos midiáticos, seu histórico e seu papel formativo, inseridos na cultura infantil, como ferramentas capazes de transmitir conhecimentos e informações, como foi apontado anteriormente, buscaremos neste capítulo apresentar as duas animações para ser analisadas e entender como é representada a mulher nessas duas animações infantis da Disney, quais os comportamentos que são reforçados e padrões de feminilidade imposto pela sociedade em cada momento histórico em que foram produzidas: A Bela Adormecida em 1959 e A Bela e a Fera de 1991, com 32 (trinta e dois) anos de diferença uma da outra.

Primeiro vamos discutir a questão do gênero feminino, para Judith Butler (2015) ao analisar a questão de gênero, principalmente, “mulheres” como sujeito do feminismo, aponta que em momentos anteriores a teoria feminista se sentiu atraída pela ideia de um tempo histórico, assim chamado “patriarcado”, capaz de oferecer uma perspectiva, segundo a autora, “imaginária” do qual partisse a contingência da história da opressão das mulheres. A autora retoma várias teóricas e vários teóricos da sexualidade e gênero com a finalidade de discutir a política feminista, questões de gênero e biológicas, entre eles a filósofa Simone de Beauvoir.

Para Simone de Beauvoir, a concepção de ser homem e mulher são construídos culturalmente e não pré determinadas por fatores biológicos:

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmeahumana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. (BEAUVOIR, 1970, p.09)

Para Beauvoir, ao longo do tempo, a mulher vem ocupando um espaço que lhes é dado, uma posição onde “[...] A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.”. (BEAUVOIR, 1970, p.10). Ou seja, a mulher desde a antiguidade, segundo a autora, vem ocupando um papel “naturalmente predestinado” de subalterna ou complementar ao homem, sendo vista assim, como um “segundo sexo”.

A fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc. Quando muito, consentia-se em conceder ao outro sexo "a igualdade dentro da diferença". (BEAUVOIR, 1970, p.10)

Como apresenta a autora, no campo da biologia, a concepção de mulher se faz em “[...] uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la.” (BEAUVOIR, 1970, p.25) Para Beauvoir, o termo, “fêmea” é visto como algo pejorativo e inferior, “[...] não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo.” (BEAUVOIR, 1970, p.25).

Segundo a autora, esse processo de distinção entre menina e menino, tem grande influência da educação e do ambiente em que estão inseridos, desde a infância são educadas a seguirem certos comportamentos, “[...] é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade.” (BEAUVOIR, 1970, p. 21). Segundo Queiroz; Tuanne e Nascimento:

A educação das mulheres, no século XIX era vista como formação, uma preparação para as tarefas próprias de condição feminina, reduzindo-se a instrução a aprender a ler, escrever e contar, coser e bordar. (QUEIROZ, TUANNE. NASCIMENTO. 2016, p. 04)

A figura da mulher, por muito tempo veio se enquadrando no mito do “eterno feminino”, na figura de “[...] donzela ingênua, a virgem profissional, a mulher que valoriza o preço do coquetismo, a caçadora de maridos, a mãe absorvente, a fragilidade erguida como escudo contra a agressão masculina” (BEAUVOIR, 1970, p. 02), contudo essas representações vem sendo atacadas pelas mulheres da atualidade, que “[...] começam a afirmar concretamente sua independência” (BEAUVOIR, 1970, p. 07).

Segundo Carvalho (2014), essas mudanças significativas no papel social da mulher são vistas a partir do acelerado processo de industrialização em conjunto com a Primeira Guerra Mundial, que representou a entrada da mulher no mercado de trabalho, enquanto os homens serviam na guerra, “[...] Ao ingressar na atividade profissional, as

mulheres adotam atitudes que significam busca de um sentido para a vida pessoal, desejo de ser sujeito de sua própria existência” (Carvalho. 2014, p.36). A partir desse momento a autora aponta que a mulher começa a se desvincular da figura subalterna, e a ser objeto de estudos acadêmicos.

Diante dessas mudanças da papel social feminino, é possível observar que as produções cinematográficas do Estúdio Walt Disney estão transportando tais traços (r)evolucionários em suas produções. Isso se evidencia nas novas animações produzidas pela Disney como : Mulan (1998), Frozen (2013), Moana (2016), Raya e o Último Dragão (2021), são algumas produções que trazem uma representação muito forte da mulher heroína, corajosa, aventureira, capaz de lutar por si mesma, longe de ficarem a espera de um príncipe encantado, caracterizando assim, as princesas “revolucionarias”, e portanto, se diferenciando das princesas clássicas das animações Disney. Neste sentido entendemos que:

[...] o pensamento de uma época influencia o processo de formação da identidade, que pode ser verificado nas narrativas e, portanto, nas representações. Os contos de fadas refletem este pensamento, pois seus personagens e a história são fruto do imaginário de um dado momento histórico.(AGUIAR E BARROS, 2015, p.8)

Como vimos, as produções das animações infantis da Disney utilizam constantemente contos infantis/fadas ou mitos como roteiros e adaptações em suas animações. Porém, ao tomarem os contos infantis como substrato para as suas produções, eles transportam uma linguagem literária para a linguagem visual e segundo os critérios de uma produção da Indústria Cultural.

Para Nelly Novaes Coelho (1998) o conto de fadas e o conto maravilhoso, são formas de narrativa maravilhosa surgidas de fontes bem distintas, porém como ambas pertencem ao universo do maravilhoso acabaram por ser identificados como iguais. Segundo Nelly (1998):

Nosso propósito, aqui, será portanto deslindar os possíveis fios que se emaranharam em torno delas e tornar visíveis as duas atitudes humanas por elas expressas, atitudes que se vêm sucedendo na vida e na literatura, desde o princípio até os nossos dias. Referimo-nos à luta do eu, empenhado em sua realização interior profunda, ao nível existencial, ou em sua realização exterior, ao nível social. (NELLY. 1998, p.11-12)

A Bela Adormecida e A Bela e a Fera, segundo Nelly (1998) pertencem ao mundo do maravilhoso e são contos de fadas, os seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica que abraçam um mundo de reis, rainhas, príncipes, fadas, gênios,



bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida, etc e tem como eixogerador a questão existencial, com obstáculos a serem superados como um processo de iniciação ritualística indo na direção do encontro do seu verdadeiroeu, um ideal encarnado pelo personagem.

Em "A Bela Adormecida" é possível observar esse enredo disputado entre as três fadas boas: flora fauna e primavera que conjuram feitiços para o bem, e concedem dons, e a fada Malévola, como o nome mesmo diz, representauma mulher maléfica que tenta fazer mal a alguém. Na trama as fadas Fauna ea Flora, ao participarem da celebração da princesa, presenteiam a com dons dabeleza e do conto, Malévola revoltada por não ser convidada, lança sobre a criança seu feitiço, contudo a fada Primavera com seus poderes consegue reverter parte do feitiço.

Quando boas, as fadas são luminosos, geralmente sem marcas da idade nos rostos, sensíveis á beleza e inclinadas a corrigir os problemas em que tenham intervindo outras criaturas extraordinárias. já [...] as bruxas são representadas como velhas, mal humoradas e feias [...]. (ROBLES, 2019, p.228).Malévola nos é apresentada como a bruxa má, solteira, independente, e que mora fora do reino. E possui em sua forma física, características de um demônio.Segundo Silvia Federici (2019) dois fatores contribuíram para a produção de uma bruxa:

1. As bruxas não eram apenas vítimas, mas mulheres que resistiam à própria pauperização e exclusão,
2. Uma política institucional cada vez mais misógina<sup>2</sup> que confinava as mulheres a uma posição social de subordinação em relação aos homens e que punia qualquer subversão da ordem social.

Ainda Federici (2019), caso uma mulher não fosse bela, não seriafeminina, pois o ideal de mulher deveria apresentar atributos que chamavam a atenção como a delicadeza, a honestidade, e a obediência que complementavam seus encantos. As personagens que não tinham esses atributos, e tentavam se impor pela inteligência, pela maldade ou pela inveja, eram punidas ou simplesmente esquecidas.

Nelly (1998) aponta que as fadas e bruxas correspondem imagens as avessas, de forma simples se diz que a fada e a bruxa são formas simbólicas daeterna dualidade da mulher ou da própria condição feminina.

Contudo, percebemos que ao longo do tempo às representações de gênero

---

<sup>2</sup> A origem desse termo é grega e vem dos vocábulos miseó, que **significa** "ódio", e gyné, que tem como tradução "mulher". Esse conceito abarca os sentimentos de desprezo, preconceito, repulsa e aversão às mulheres e ao que remete ao feminino.

sofreram e vêm sofrendo mudanças, pois a sociedade passa por transformações onde as organizações da vida, da sociedade e da cultura se modificam, e o surgimento de novas correntes e valores sociais e culturais influenciam na construção da identidade desse novo sujeito.

Estes papéis sofrem a influência das expectativas do grupo social e da própria pessoa acerca da maneira correta de desempenhá-los. Eles podem ser mais ou menos estereotipados dependendo da situação cultural, social ou da fase de desenvolvimento da sociedade na qual encontra-se o sujeito. (COSTA; ANTONIAZZI, 1999, p. 68).

Ora, as chamadas princesas clássicas ou atualmente como são conhecidas por princesas da Disney, por muito tempo vêm trazendo características da mulher bela, submissa e do lar.

Porém, devemos lembrar que no fim do século XVII, segundo Nelly (1995), surge a Literatura infantil e tinha como fio condutor nas narrativas uma estrutura maniqueísta<sup>3</sup>, retratando o bem e o mal como modelo pedagógico. O francês Charles Perrault (1628-1703) foi o grande representante desse período e o responsável pela coleta de histórias orais que ele adaptou, retirou cenas de obscenidades e outras cenas impróprias para crianças e reuniu em versão intitulada “Os contos da mãe Gansa” (1697).

Para Bruno Bettelheim (2002, p.181), “Perrault não desejava apenas entreter o público, mas dar uma lição de moral específica com cada um de seus contos. Por isso é compreensível que ele os modificasse de acordo com o que desejava” Em relação as mulheres desse período, segundo Federerici (2017):

“Com a nova divisão sexual do trabalho reconfigurou as relações entre homens e mulheres é algo que se pode ver a partir do amplo debate travado na literatura erudita e popular acerca das virtudes e dos vícios femininos, um dos principais caminhos para a redefinição ideológica das relações de gênero na transição para o capitalismo”. (FEDERECI. 2017, p.200)

Para Federerici (2017) as mulheres eram acusadas de serem pouco razoáveis, eram vaidosas, selvagens, esbanjadoras, fofoqueiras, porém a principal vilã era a esposa desobediente, depois temos a bruxa e por último a “puta”, esses adjetivos eram

---

<sup>3</sup> O maniqueísmo é uma forma de pensar simplista em que o mundo é visto como que dividido em dois: o do Bem e o do Mal. A simplificação é uma forma primária do pensamento que reduz os fenômenos humanos a uma relação de causa e efeito, certo e errado, isso ou aquilo, é ou não é. A simplificação é entendida como forma deficiente de pensar, nasce da intolerância ou desconhecimento em relação a verdade do outro e da pressa de entender e reagir ao que lhe apresenta como complexo.

os favoritos de dramaturgos, escritores populares e moralistas. Ainda, segundo a autora, posteriormente surge um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal, passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com as suas tarefas, e essa mudança aconteceu bem no século de Perrault, XVII, depois das caças as bruxas e da violência do estado, uma nova imagem da mulher surge: passiva, assexuadas, obedientes, virtuosas com instintos maternos.

Portanto, a animação da A Bela Adormecida (1959) da Disney, é uma adaptação do conto de fadas da França do século XVII de Charles Perrault que publicou em 1696. Sendo assim, é possível observar que a construção da princesa Aurora tem fortes características das mulheres dos padrões da sociedade daquela época, que tinham como papel principal, viver em função da casa e do marido, ocupando assim, um lugar de passividade.

Na animação da Disney, Aurora nos é apresentada como uma jovem moça, muito bela, de pele clara, cabelos longos e loiros, e com uma linda voz, e que sonha em encontrar um amor. Contudo, o enredo revela um problema enfrentado pela mulher da época: o casamento por interesses, designado pela família, principalmente nas famílias da monarquia para ampliar o poder.

Assim, era muito importante que as meninas fossem criadas e educadas para a obediência e submissão. Isso se torna evidente em A Bela Adormecida, que mesmo no sono profundo tem a necessidade de esperar seu belo príncipe (desconhecido, porém figura masculina), para despertá-la com um beijo. Percebemos uma idealização da mulher, a imagem feminina é frequentemente julgada a partir do conjunto de crenças que cercam o mundo feminino na metade do século XX, principalmente por sua função de mãe e dona-de-casa, a posição de sexo frágil, mostrada como objecto sexual, submissa ou serviçal.

Nas décadas de 50, 60, e 70 do século XX o mundo assistia mudanças fundamentais no papel social da mulher, mudanças estas significativas para os dias atuais. As histórias infantis tiveram que se adaptar ao lugar construído para e pela mulher na sociedade, este englobaria o trabalho fora de casa, sem existir necessariamente a presença um homem para representá-la.

Com a evolução tecnológica, principalmente a revolução sexual da década de 60 do século passado e as transformações sociais, a propagação da ideia da inserção da mulher no mercado de trabalho, reforçando as ideias feministas e acelerando os processos da própria identidade da mulher, assim a mulher assumiu o controle da sua

própria vida. As mudanças dos estilos de vida e a independência sexual, as mulheres começaram então “a fumar, ler coisas proibidas, investir no futuro profissional, discordar dos pais e a contestar secreta ou abertamente a moral sexual” (Del Priore, 1997).

Nesse sentido, no início da década de 90, do século passado, a Disney apresenta a animação *A Bela e a Fera* (1991). Esse conto de fada foi escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve, em 1740, posteriormente, a história da Bela e Fera foi reescrita em 1757 por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, conhecida como Madame Leprince de Beaumont, porém ela ocultou alguns fatos da história, principalmente os de teor erótico. Por ter jovens meninas como seu público principal, com isso romantizou o conto de Madame de Villeneuve.

Na adaptação da Disney, para a animação (1991), a protagonista apresenta características próximas das ideias femininas do final século XX, a animação redireciona e reestrutura a personagem, adaptando-a as condições sociais da contemporaneidade, reservando um papel mais ativo para a heroína, cujas as ações e tomadas de decisões serão importantes para o desfecho final da animação: o Happy end.

Na animação *Bela* acaba se perdendo na floresta em busca de seu pai, ela encontra um castelo encantado cujo dono ou senhor é uma fera. O pai é preso por essa criatura e Bela passa a negociar a sua liberdade pela liberdade do pai. Nessa adaptação bela não tem medo de tomar a iniciativa e tem autonomia para assumir a responsabilidade pela liberdade do pai. A personagem também tem fortes interesses por livros, e pelo o desejo de saber. A Bela da animação é mais independente em relação a princesa da *Bela Adormecida*. Para Marina Warner (1999):

Esse filme sobre o conto de fadas tem uma consciência mais vivida da política sexual contemporânea do que qualquer outrorrealizado antes, ele conscientemente escolheu uma vertente da história do conto e deliberadamente o desenvolveu para um público de mães que cresceram com Betty Friedan e Gloria Steinem, e cujas filhas escutam Madonna e Sinead O'Connor. Oroteiro de Lina Woolverton apresenta uma heroína vigorosa que descobre o romance seguindo os seus próprios critérios. (WARNER, M. 1999, p. 350-351)

A animação da Disney já consegue desenvolver um papel feminino com mais autonomia e independência, para além da sua *A Bela Adormecida* de 1959, portanto, já podemos perceber algumas características próximas da mulher do final do século XX

#### **4 AS ANIMAÇÕES INFANTIS COMO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

Atualmente as animações infantis são um grande mercado voltados para o público infantil e com isso, a empresa americana Disney amplia as suas produções para esse público. Sua trajetória de adaptações dos contos de fadas teve e tem um imenso êxito perante a esse público, em grande parte localizado no Ocidente. As imagens construídas da mulher ao longo da trajetória da empresa corresponde em parte as transformações sociais, econômicas e culturais que ocorreram ao longo do século XX.

A primeira animação analisada A Bela Adormecida (1959) apresenta a imagem da mulher do pós Segunda Guerra Mundial, muito próximo da imagem do conto do século XVII de Perrault. Na segunda animação A Bela e a Fera (1991) há uma visível desconstrução da imagem da mulher representada na A Bela Adormecida. A Bela, da segunda animação, apresenta a imagem de uma mulher com mais autonomia, com mais iniciativa, correspondendo, em parte, as transformações ocorridas aos longos dos 32 anos.

Sendo assim, a educação tem compromisso com a transmissão dos conhecimentos acumulados e, ao mesmo tempo, com a criação de novas realidades e novas respostas para o futuro. Neste contexto, cabe ao professor de educação básica problematizar as duas animações como processo de desenvolver no sujeito uma leitura de mundo capaz de perceber as diferenças e

refletir sobre o papel da mulher em cada momento na história. A aprendizagem da decodificação de imagens auxilia no processo de formação dos sujeitos, e ao mesmo tempo fazem refletir sobre mudanças de comportamento. As imagens e suas representações sociais formam uma visão de mundo ética, estética, histórica e cultural de sujeitos, no caso as mulheres.

Para Trevisan (2002, p 165): "As imagens da formação surgem assim como um novo critério de avaliação dos discursos teóricos, que pretendem desfrutar de legitimidade no campo do saber educativo".

Ao trabalhar com imagens, o professor deve ter em mente a enorme quantidade de fontes audiovisuais de informação que se multiplicam com a mesma velocidade que nas redes de internet. O espaço escolar passa ser um desafio há muito tempo lançado à pedagogia.

Além da imagem, os professores se deparam com as questões de gênero, no caso, o papel da mulher na sociedade e como ela é representada diariamente nos meios audiovisuais e redes sociais.

O modo como determinadas ideias são transmitidas veiculam uma forma essencializada dos comportamentos, descaracterizando um processo

construído socialmente, ocasionando um efeito de naturalização e normalização daqueles. Em muitos casos, não é difícil perceber certas construções textuais que incitam a (re)produção e manutenção de estereótipos, como os de gênero e sexualidade, por exemplo, em brinquedos, filmes, histórias orais, livros, revistas, músicas, entre outros produtos que constituem a cultura infantil. (Oliveira; Araújo e Piassi, 2017, p.124 )

Neste sentido, segundo Oliveira; Araújo e Piassi (2017), debates relacionados a questões de gênero não vêm sendo suficientemente discutidas pela família, escola e mídia, sendo estas as principais instancias formadoras. Os autores apontam para a importância de se trabalhar este tema nesses espaços principalmente nas escolas.

[...] os ambientes escolares ultrapassam o ensino de conceitos relacionados a determinadas áreas do conhecimento, contribuindo assim para o processo de construção do sujeito e de uma visão do mundo em que está inserido, sendo uma delas, as marcas das relações de gênero. (Oliveira; Araújo e Piassi, 2017, p.125 )

Assim, partindo do entendimento que a escola é um espaço de transformação social, faz necessário desenvolver um olhar crítico, sobre o efeito que certos artefatos pertencentes a pedagogia cultural e escolar, exercem na formação e normalização de significados que conduzem os sujeitos a caminhos tidos como certos, na conformação de suas identidades de gênero.

Contudo, segundo Oliveira; Araújo e Piassi (2017), expor estes artefatos que influenciam na criação de hábitos e percepção das crianças “[...] não deve se relacionar à percepção de nuances e aspectos ideológicos “negativos” no processo de construção do sujeito, e por consequência retirar ou negar a presença destes perante os alunos.” (Oliveira; Araújo e Piassi 2017 p.125) neste sentido:

o papel do educador é justamente o de reconhecer a importância e o interesse positivo que as crianças apresentam por estes aspectos, propiciando momentos de conversa e reflexão sobre as temáticas nele apresentadas, além de oferecer outras atividades e materiais para ampliar a quantidade de referenciais aos quais a criança tem acesso. Estas ações podem favorecer o desenvolvimento de um olhar crítico e mais amplo sobre temas sociais. (Oliveira; Araújo e Piassi 2017 p.125)

Para Santos; Medeiro; Sousa e Santos (2020) por ser um espaço heterogêneo, que acolhe pessoas de diferentes grupos sociais, econômicos, religiosos, culturais, gênero, étnico, com necessidades especiais etc., se faz necessário que esses espaços busquem caminhos que promovam a reflexão de uma educação que trabalhe com o respeito para com as diferenças e a diversidade.

Entender que o cotidiano infantil apresenta situações de conflitos a respeito de questões de gênero reafirma necessidade de o professor derrubar suas muralhas muitas vezes repletas de preconceitos e ou entendimentos equivocados e oferecer às crianças a oportunidade e possibilidade de ampliar o olhar no sentido de respeitar os outros e seus espaços ao mesmo tempo compreender que somos múltiplos e diversos (SILVA. 2017, p.76)

Segundo Santos; Medeiro; Sousa e Santos (2020) apontam para a importância do papel dos professores em compreender essas diferenças e diversidade dentro do ambiente escolar, e remodelar a sua prática para valorizar e orientar esses alunos de acordo com suas especificidades e igualdades. Promovendo assim uma educação multicultural e se afastando do daltonismo cultural.

Desde muito cedo as relações de gênero são construídas nas relações de poder e desde o nascimento, meninas e meninos são ensinados(as) maneiras diferentes de como se relacionar com o mundo, a maneiras de se comportarem, de falar, se vestir, etc. Entendendo as animações como artefato da indústria cultural infantil, com grande alcance e influencia na difusão de valores e na formação da identidade do sujeito, acreditamos que seja importante desenvolver sobre essas mídias um olhar mais crítico, que levem a reflexão, sobre quais as influências que são projetadas para as crianças?

Nas duas animações propostas para análise, A Bela Adormecida (1959), e A Bela e a Fera (1991), foi possível observar alguns pontos na construção das personagens femininas que se relacionam como os padrões de beleza que se impõem e outros pontos que se divergem como a personalidade das duas princesas.

Em A Bela e a Fera, segundo Santos; Medeiro; Sousa e Santos (2020), é muito presente a relação entre o belo e o feio, a personagem principal Bela como seu nome mesmo significa, é algo que tem forma perfeita e proporções harmônicas, agradável aos sentidos. Já o feio é algo associado a maldade e a impureza caracterizando assim a Fera. Em A Bela Adormecida também é muito presente essa relação entre o belo e o feio, Aurora traz traços de uma moça muito bela, de cabelos cumpridos e loiros, olhos claros, pele branca, em contraposição Malévola é relacionado a fada má, rancorosa, e caracterizada com chifres.

Em relação a personalidade das duas princesas, podemos apontar que enquanto Aurora se apresenta como uma figura passiva, submissa, sonha em encontrar o amor e formar uma família, Bela de A Bela e a Fera se mostra uma moça a frente do seu tempo, inteligente, corajosa, inconformada com a vida no interior, e espera mais do que apenas se casar e ter filhos. A personagem tem grande paixão pelos livros, e não se importando

com as opiniões alheias, que a acham estranha por ter gostos tão diferentes das moças da época. Para muitos são essas características que a tornam uma mulher "empoderada", porém, devemos lembrar que o romantismo ainda impera nas produções Disney, mesmo com atitude de autonomia a personagem mantém-se sonhadora e/ou romântica, contudo, ela se mostra uma mulher decidida e que sabe o que quer, observamos isto quanto recusa as investidas de Gaston, que "[...] representava o marido ideal, um personagem bonito, porém bruto e inteiramente tomado por ideais machistas [...]" (Aguilar e Barros, 2015 p. 08). Bela desejava poder escolher alguém com quem se identificava, e encontrou isso na Fera, por quem desenvolveu um laço de amizade.

Portanto, sendo está a diferença com a princesa Aurora, que desde seu nascimento fora prometida em casamento pelos seus pais, ao príncipe Felipe. Quando completa dezesseis anos, encontra com um estranho na floresta por quem se apaixona, quando descobre que ela era prometida ao príncipe, Aurora fica desolada em saber que nunca mais vera o moço com quem encontrou na floresta e da qual desconhecia sua identidade como sendo o próprio príncipe. Assim percebemos em Aurora uma postura de passividade.

[...] mesmo em sono profundo e sendo amaldiçoada pela fada/bruxa Malévola, que lhe lança uma maldição de espetar o dedo no fuso de uma roca no seu décimo sexto aniversário e cairno sono profundo, a jovem mulher não aparenta preocupação. Ao contrário, mesmo no mundo dos sonhos, continua meiga e de tamanha beleza, à espera de seu príncipe encantado: o Filipe, para salvá-la com um beijo de amor verdadeiro. (QUEIROZ; TUANNE; NASCIMENTO E ALBUQUERQUE. 2015 p.07)

Segundo as autoras, essa representação se estabelece de acordo com o discurso eminente da época, e de forma sutil a Disney tentou representar os comportamentos destinados a mulher e ao homem no fim da década de 1950 "[...] As Belas Adormecidas (mulheres jovens da época), além de serem bondosas e submissas ao seu pai ou marido, não poderiam se salvar sozinhas: sua salvação dependeria exclusivamente da presença do masculino." (Queiroz Tuanne; Nascimento e Albuquerque. 2015 p. 07).

Portanto, as animações apresentam narrativas que abrem espaço para ampliar as discussões, em sala de aula, sobre questões de gênero, em que a figura feminina, no caso da Bela, se destaca pela sua iniciativa, coragem e determinação e não pela sua fragilidade e delicadeza, no caso a princesa Aurora. Ao trazer para sala de aula esses elementos, que se apresentam nas animações, o professor pode problematizar e então promover reflexões para além do conhecimento do enredo e estrutura da animação,



ensinando a importância do respeito com o outro e suas diferenças, e contribuindo para pensar o papel da mulher na sociedade na forma do direito e da igualdade de gênero

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho buscou refletir e comparar de como o gênero feminino foi retratado nas animações *A Bela Adormecida* (1959) e *A Bela e a Fera* (1991) da Disney. Ao longo das décadas compreendemos como as princesas da Disney acabaram ganhando novos contornos, desde do primeiro longa metragem de animação baseado no conto de fada "A Branca de Neve", década de 30 do século XX, as princesas clássicas apresentavam características como obedientes e submissas ao homem, porém abrem espaço, no final da década de 90 do século passado, para as princesas de acordo com a ideia de emancipação feminina, caracterizado por mulheres "empoderadas", corajosas, independente, capazes de cuidar de si mesma sem necessariamente precisar de um homem ao seu lado, porém, não devemos esquecer que há sempre o toque do romantismo como parte intrínseca dos contos de fadas e das animações da Disney.

As imagens construídas da mulher ao longo da trajetória da empresa corresponde em grande parte pelas transformações sociais, econômicas e culturais que ocorreram ao longo do século XX.

Nesse sentido, entendemos as animações como artefato da indústria cultural infantil, com grande alcance, e influência na difusão de valores e na formação da identidade do sujeito, acreditamos que seja importante desenvolver, sobre essas mídias, um olhar mais crítico, que levem a reflexão, sobre quais influências são projetadas nas crianças, em especial o papel da mulher na sociedade e como ela é representada diariamente nos meios audiovisuais e em redes sociais.

Portanto, compreendendo as influências educativas, que as animações exercem sobre o sujeito, é de suma importância que o professor desenvolva nos seus alunos/alunas um olhar mais crítico e reflexivo, e esse a compreender que esses artefatos, não são apenas uma ferramenta inocente de entretenimento, mas são produtos de uma cultura, carregada de signos e significados, em especial nas relações de gênero que devem ser debatidas nas salas de aulas.

## 6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil. Gostosuras e bobices.** 5 ed. São Paulo: Scipione, 2006.

AGUIAR, E. L. C.; BARROS, M. K. **A representação Feminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney: a ressignificação do papel social da mulher.** 2015. XVII 118 Comunicações Piracicaba v. 26 n. 2 p. 99-121 maio-ago. 2019 Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Anais..., Natal RN, Intercom, 2015.

ALESSI, Antonio Carlos. **Etica E Moral. Disponível Em:** [https://www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/patologia/ANTONIOCARLOSALLESSI/etica\\_e\\_moral](https://www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/patologia/ANTONIOCARLOSALLESSI/etica_e_moral). Acesso em: 19/05/2021.

ANDERSEN H. C.; GRIMM; PERRAULT, C. **As mais belas histórias.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. [2 vol.]

ADORNO, Theodor. **A Indústria Cultural.** 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.  
AMENGUAL, Barthélemy. **Chaves do cinema.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

CARVALHO, Ana Elisa Alves de. **Personagens femininas em animações dos estúdios Disney: transformações de perfis em mulheres complexas.** Porto alegre, 2014.

BALISCEI, J. P., CALSA, G. C., & García, F. H. (2018). **Leitura de imagens e ensino de arte: representações de masculinidades no filme "O Peixe"**. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/vis.v16i2.49074> acesso: 03/03/2021

BEAUMONT, Madame de; VILLENEUVE, Madame de. **A Bela e a Fera.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2026.

BEAUVOIR, SIMONE de. **O Segundo Sexo: Fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero.** 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 3. ed. São Paulo: editora ática, 1998.

COSTA, Fernanda Ortiz e ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon. **A influência da socialização primária na construção da identidade de gênero: percepções dos pais**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 1999, vol.9, n.16, pp.67-75. ISSN 1982-4327. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1999000100007>. Acesso: 03/03/2021

DEL PRIORE, M. **A Mulher na História do Brasil**, São Paulo: Contexto, 1997.

DISNEY, Walt. **Dvds Coleção Princesas Da Disney - Dvds Infantil**. Disney Company, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpos e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

\_\_\_\_\_. **Mulheres e a caça às Bruxas**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FRANZ, Marie-Louise von. **A Interpretação dos contos de fada**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

GIL; A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas. São Paulo; 1987.

GODOY; A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo; 1995.

GIROUX, H. **A dysneização da cultura infantil**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p, 41-81.

LIMA, Raymundo De. **O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje**. Revista espaço academico, ano 1- nº07. 2001. Acesso em: 19/05/2021.

OLIVEIRA; ARAUJO e PIASSI. **Gênero, Mídia e Educação: Diálogos Na Infância E Na Pré-Adolescência**. Disponível em:<https://doi.org/10.12957/riae.2017.29529> Acesso: 05/04/2021.

PERRAULT, C. **Contos de Perrault**. Belo Horizonte: editora Itatiaia, 1989.

POLITIZE. **Misoginia: você sabe o que é?**. Publicado em: 05/08/2019. Disponível em:<https://www.politize.com.br/misoginia/#:~:text=Oriunda%20da%20uni%C3%A3o%20entre%20os,pelas%20mulheres%20e%20valores%20femininos>. Acesso

em: 19/05/2021.

QUEIROZ, Maria Helena Tuanne et al.. **As damas e as donas do castelo. o perfil das mulheres nos contos de fadas adaptados pela disney nos séculos xx e xxi.** Anais XI CONAGES Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10520>> Acesso em: 05/04/2021 13:54

WARNER, Mariana. **Da Fera a loira:** sobre contos de fada e seus narradores. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

ROBLES, M. **Mulheres, Mitos E Deusas.** 3. Ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SANTOS, simone; MEDEIRO, luthiana ; SOUSA, José E SANTOS, nácia. **O respeito á diferença no conto de fadas “A Bela e a Fera”.** Revista humanidade e inovação v.7, n.22 – 2020.

TARDY, Michel. **O professor e as imagens.** São Paulo: Cultrix, 1976.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Pedagogia das imagens culturais.** Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

## 7 ANEXOS

### 1. A Bela Adormecida (1959) Produção Walt Disney

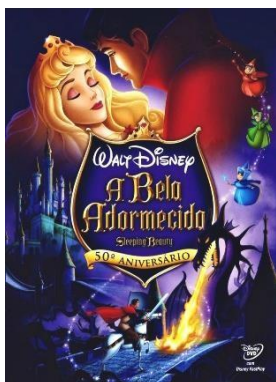


Figura 1 - A Bela Adormecida

### Sinopse

No dia do seu nascimento, seus pais felizes com a criança concebida, organizaram uma celebração no castelo e convidaram todos do reino. Neste dia aurora é presenteada com dons pelas fadas. Flora, lhe concede o dom da beleza, e fauna o dom do canto, quando primavera iria proferir o seu dom, é interrompida com a chegada inesperada da fada Malévola, que lança sobre a criança um feitiço, que no seu décimo sexto aniversário ela picara o dedo no fuso de uma roca e morrerá. Diante dessa sentença a fada Primavera que ainda não tinha concedido seu último dom concede a Princesa Aurora sua única salvação, que seria um beijo de amor verdadeiro, para despertá-la de seu sono profundo.

Assustados com o feitiço sobre a princesa, o Rei e a Rainha, decretou que se queimasse todas as rocas e os fusos do reino, e mandaram a princesa Aurora, e as três fadas madrinhas, para viverem no campo afastadas do reino, até o dia do seu aniversário de 16 anos. Durante esse tempo, a princesa vive sobre a vigilância das três mulheres, sem saber as verdadeiras identidades delas, e nem a sua: a de princesa.

No dia do seu aniversário, Aurora conhece um homem por quem se apaixona, contudo naquele mesmo dia ao voltar para casa toda a verdade de sua origem é revelada e ela volta para o castelo, onde acaba por furar seu dedo

numa roca, e caindo num sono profundo. No final da história a jovem é despertada pelo beijo do valente Príncipe Felipe, revelando ser o mesmo homem que encontrara no campo, ele com a ajuda das três fadas, consegue derrotar malévola, e quebrar o feitiço.

## 2. A Bela e a Fera (1991) Produção Walt Disney

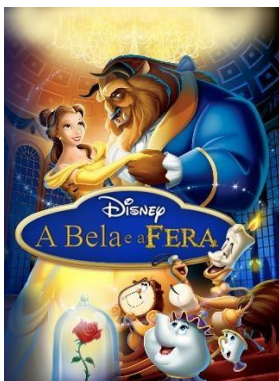


Figura 2 - A Bela e a Fera

### **Sinopse**

Nesta história, Bela é uma moça bonita e inteligente, que vive com seu pai em uma pequena aldeia. Seu pai, Maurice, é um inventor que é visto como um louco. certo dia, Maurice decide ir à cidade, mostrar sua nova invenção, contudo, no caminho ele acaba se perdendo na floresta e é atacado por lobos, ao tentar se proteger ele foge e encontra um grande castelo, onde tenta se refugiar nele.

No entanto este castelo é habitado por uma fera que foi amaldiçoado por uma fada, depois de ofendê-la por sua aparência, o encanto só poderia ser desfeito, se ele encontrasse alguém capaz de amá-lo.

Bela preocupada com seu pai, vai à sua procura, e descobre que ele está sendo mantido prisioneiro no castelo. Desesperada para salvar seu pai, torna se prisioneira da fera, depois de negociar a liberdade de seu pai pela sua. A partir daí com a ajuda dos empregados encantados do castelo, bela começa a ver o lado bom da fera de aparência horrível, e juntos vão construindo uma relação de amizade.

Ao final do filme, após a invasão de Gaston com seus parceiros ao castelo, a fera acaba se ferindo, nesse momento Bela declara seu amor para ele, quebrando desse modo o feitiço. Assim a fera e seus empregados se transformam, novamente em seres humanos.